

GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS E A BNCC: UMA LEITURA REFLEXIVA DA PRÁTICA DE ESCRITA

Ida Maria Morales Marins

Doutora do curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão/RS,
idamarins@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho foca na leitura e reflexão crítica do texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) referente ao ensino da língua portuguesa, anos finais do fundamental, com o objetivo de analisar a abordagem de trabalho com gêneros textuais/discursivos, especificamente com as práticas de produção escrita. Para tanto, realizamos uma pesquisa qualitativa de caráter interpretativista, valendo-nos da teoria da Análise Dialógica do Discurso (ADD) como referência para a análise dos enunciados que selecionamos para dialogar e responder ao objetivo proposto. Identificamos que a concepção de linguagem assumida pela BNCC é de base enunciativo-discursiva, confirmando as orientações para o trabalho com a língua na atualidade. Sobre a abordagem apresentada para o ensino da produção escrita observamos uma certa inconsistência no direcionamento das atividades, ou melhor, compreendemos que o texto da Base apresenta uma certa dispersão nas orientações referentes ao trabalho com o texto escrito, tendo em vista as estratégias consideradas essências para essa atividade, as quais contemplam planejamento, escrita, revisão, reescrita. E concluímos que essa inconsistência pode gerar incompreensões por parte dos professores que passaram a ter o texto da BNCC como referência obrigatória para desenvolver o ensino/aprendizagem.

Palavras-chave: Língua portuguesa, Gêneros, Escrita, BNCC.

INTRODUÇÃO

No Brasil, a proposta de trabalho com os gêneros na escola tem como marco inicial os PCN (1998) da Língua Portuguesa (LP). Esse documento apresentou a partir de pesquisas, de encontros acadêmico-científicos e de publicações de estudiosos da área da linguagem os parâmetros para o ensino e aprendizagem da língua com enfoque na vertente interacionista e na concepção enunciativo-discursiva da linguagem, cujo objeto de trabalho são os gêneros discursivos/textuais. Ao defender a importância de desenvolver a competência discursiva dos alunos, os PCN tomam o texto como unidade básica do processo de ensino e o gênero como objeto de trabalho.

Com base nesse entendimento, encontramos na Base Nacional Comum Curricular (2018), (doravante BNCC), a confirmação da relevância do trabalho com os gêneros para desenvolver as práticas de linguagem de leitura/escuta/produção oral e escrita, e a reflexão sobre a língua. Contudo, ao realizar uma leitura crítica do texto da BNCC de LP percebemos algumas incoerências entre a perspectiva de linguagem assumida – enunciativo-discursiva e as abordagens apresentadas para as práticas de ensino da produção escrita. Partindo da premissa de que aquilo que a Base anuncia como concepção de linguagem destoa, por vezes, das orientações para as práticas de linguagem, essa pesquisa foca na leitura e reflexão crítica do texto da BNCC referente ao ensino da língua portuguesa, anos finais do fundamental, com o objetivo de analisar a abordagem de trabalho com gêneros discursivos/textuais, fazendo um recorte nas práticas de produção escrita.

Essa é uma pesquisa qualitativa de caráter interpretativista, que toma como base teórica a análise dialógica do discurso (ADD), cujo expoente é o filósofo da linguagem Mikhail Bakhtin. Nessa teoria, todo discurso é ocupado de muitos outros enunciados, passados, presentes e futuros, pois, ao enunciar, o falante/escritor responde a discursos/enunciados anteriores e presume, como respostas futuras, uma compreensão responsiva ativa do seu interlocutor, adequando seu discurso (já impregnado de outros) tendo em vista uma intenção e finalidade específicas na sua interlocução. Se “(...) toda compreensão é prehe de resposta (...)” (BAKHTIN, 1992 [2011], p. 271), essa resposta pode se dar imediatamente ao discurso ou ter efeito retardado, ou seja, o ouvinte/leitor responde em outros momentos, em discursos subsequentes.

Para desenvolver a pesquisa selecionamos alguns enunciados da BNCC para com eles dialogar num “(...) **continuum** cujo acabamento, mesmo que visível, é sempre inconcluso (...)” (BRAIT, 2002, p. 41). Como conclusões parciais, notamos que há uma dispersão nas orientações referentes à produção de textos, tendo em vista as estratégias consideradas essências para essa atividade, as quais contemplam planejamento, escrita, revisão, reescrita. Desse modo, o texto falha em uma consistência necessária para levar a cabo seu propósito de formar leitores e escritores competentes, possibilitando compreensões de seus interlocutores (professores) de que essas estratégias nem sempre precisam ser desenvolvidas para a aprendizagem da escrita.

Na sequência dessa introdução, apresentamos os caminhos traçados para o desenvolvimento da pesquisa. Depois, quais bases teóricas utilizamos para fundamentar o processo de análise. Na seção seguinte, trazemos as análises e discussões, para finalmente tecer as considerações finais.

CAMINHOS DA PESQUISA

Essa é uma pesquisa qualitativa de caráter interpretativista que toma como referência a teoria da Análise Dialógica do Discurso (ADD). Como objeto de estudo temos a BNCC de Língua Portuguesa (2018) dirigida aos anos finais do fundamental (6º ao 9º anos) e recortamos na parte que trata do ensino da produção escrita. Nosso objetivo é o de analisar a abordagem de trabalho apresentada pelo documento no tocante às práticas da escrita.

Iniciamos a pesquisa realizando uma leitura atenta do documento da BNCC, prática que foi retomada várias vezes para que pudéssemos compreender as concepções subjacentes e intencionalidades inscritas no texto. Após várias leituras, selecionamos enunciados que compreendemos possíveis de responder ao nosso objetivo. Como mencionamos na introdução desse artigo, a ADD é uma teoria que sustenta suas análises a partir do diálogo, considerando as relações dialógicas presentes em todo e qualquer enunciado. A análise e interpretação exige do pesquisador uma leitura crítica e fundamentada da sua área de conhecimento e de outras áreas com as quais possa dialogar, no sentido de melhor compreender o seu objeto de estudo.

Como veremos na seção das análises, trazemos um quadro adaptado do texto da BNCC em que buscamos compreender a abordagem defendida para o trabalho com as práticas de produção escrita. Os critérios de

escolha para montagem do quadro partem de indagações: a) Qual concepção de linguagem está subjacente na BNCC de LP? b) Qual é a abordagem de trabalho com os gêneros? c) As orientações para o trabalho com a produção escrita são coerentes com a concepção de linguagem defendida?

Buscamos respostas a essas questões, compreendendo que o diálogo é sempre inconcluso, mas reconhecendo que em um determinado espaço e tempo exista a necessidade de um certo acabamento.

AS BASES TEÓRICAS DO ESTUDO

Para analisarmos a abordagem de trabalho com os gêneros, proposta pela BNCC para o ensino de língua, é importante compreendermos qual concepção de língua(gem) está subjacente ao documento. O estudo dos gêneros ancora-se nos fundamentos da teoria bakhtiniana, a qual concebe a língua(gem) como um fenômeno que “vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1929 [2012], p. 128). Nessa concepção, que entrou no Brasil, via estudos na área da Linguística Aplicada, no início da década de 80, a língua passou a ser concebida como processo de interação entre sujeitos sócio e historicamente situados.

Nesse novo cenário teórico, o texto passa a ser compreendido como enunciado – aquilo que vai além da materialidade textual, e carrega em si um projeto de dizer com uma intenção e finalidade específicas. Para melhor compreender a natureza do enunciado, Sobral (2009) postula que eles (enunciados) são um produto das interações e para entendê-los é necessário considerar todo o processo de sua construção, circulação e de sua recepção por outros sujeitos; levar em conta as circunstâncias sociais e históricas, os interlocutores e as ideologias implicadas no seu processo de produção. Disso decorre a natureza viva, inacabada e relativamente estável do enunciado.

Sobral, em referência ao Círculo de Bakhtin, comenta que todo enunciado tem um autor, o qual elabora seu projeto enunciativo (intenção) e a sua execução. E acrescenta:

Ora, se é preciso um autor, um projeto enunciativo desse autor e a execução desse projeto, com suas modulações, e se o lugar do exercício da língua é a *interação*, que é sempre concreta, mesmo num texto escrito, o enunciado para o Círculo

de Bakhtin não equivale à frase nem a seqüências de frases e não se reduz à materialidade do texto (SOBRAL, 2009, p. 91).

Temos, assim, que o enunciado transcende a frase e o texto; contudo, o autor/locutor vale-se desse material (frase e texto), que é da ordem da significação para elaborar seu projeto enunciativo, que é da ordem do sentido. Quando um autor/locutor elabora seu projeto enunciativo, ele adapta-o às condições de um certo gênero, que é determinado pelas esferas de atividade. No ato de falar e escrever aprendemos a produzir enunciados em gêneros, e não a produzir frases e orações isoladas de um contexto, portanto, toda a abordagem de ensino que concebe língua(gem) como enunciação/discurso precisa assegurar que seu objeto de trabalho seja o enunciado (os gêneros).

Diante dessa exposição analisamos como a BNCC, na parte da LP, aborda o trabalho com os gêneros tendo em vista assumir, em texto introdutório à área, a perspectiva enunciativo- discursiva da linguagem, como evidenciamos no fragmento abaixo:

Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é 'uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história (BRASIL, 1998, p. 20)' (BRASIL, 2018, p. 67).

Na sequência, apresenta o texto como unidade central de trabalho com a língua, o qual deverá ser tratado, na abordagem de ensino, a partir da perspectiva enunciativo-discursiva.

Tal proposta assume a centralidade do **texto** como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a seus contextos de produção e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses (BRASIL, 2018, p. 67).

Notamos que a Base propõe para o ensino da LP o texto, e não menciona os gêneros como objeto de trabalho, tendo em vista assumir os pressupostos da teoria da enunciação. Contudo, é certo que a Base considera a relevância dos gêneros discursivos para o desenvolvimento das

práticas de linguagem, à medida que afirma que o trabalho com o texto deve ser “considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem” (BRASIL, 2018, p. 67). O fato, também, de atentar aos campos sociais de circulação dos gêneros, revela aproximação com a teoria enunciativo-discursiva de Bahktin, a qual afirma que o estabelecimento dos gêneros, suas formas de produção, circulação e recepção são dependentes das condições específicas de cada campo de atividade humana, incluindo o contexto sócio- histórico.

Ao organizar, portanto, o desenvolvimento das práticas de linguagem por campos de atuação, a BNCC reconhece a importância da contextualização do ensino da língua - uma prática de comunicação/uso que acontece na vida real, via gênero discursivo que “configura-se em função das orientações de um ou mais campos da comunicação humana em que se situa. Isso significa ancorá-los em um contexto social, histórico e ideológico (...)” (BROCARD, ORTEGA; LIMA, 2019, p. 106).

Os campos das práticas de estudo e pesquisa, de atuação na vida pública, campo jornalístico-midiático e o campo artístico-literário são as escolhas feitas pela Base por compreendê-los contemplarem “dimensões formativas importantes de uso da linguagem na escola e fora dela e criam condições para uma formação para a atuação em atividades do dia a dia, no espaço familiar e escolar (...)” (BRASIL, 2018, p. 84). Dessas escolhas decorre a orientação dos gêneros a serem abordados na escola, nos anos finais do fundamental, contemplando gêneros da cultura escrita, oral e digital, tais como: notícias, carta de leitor, reportagem, artigo de opinião, resenha crítica, crônica, infográfico, entrevista, debate, vlog, podcast, fanfiction etc. Ou seja, a BNCC propõe um trabalho com uma extensa variedade de gêneros, os quais abarcam as várias manifestações da linguagem em suas semioses e mídias.

Além desses gêneros, sugere que outros possam e devam ser introduzidos nos currículos, em cada ano escolar, com observância ao nível de complexidade que cada gênero exige para o seu estudo. “Outros gêneros, além daqueles cuja abordagem é sugerida na BNCC, podem e devem ser incorporados aos currículos das escolas e, assim como já salientado, os gêneros podem ser contemplados em anos diferentes dos indicados” (BRASIL, 2018, p. 139).

Relativamente a essa gama de gêneros, os indicados em cada ano escolar e outros possíveis, problematizamos as condições de produtividade no seu tratamento na sala de aula, visto exigirem o desenvolvimento

de um conjunto de habilidades de natureza verbal e extraverbal. Sobre a questão da grande variedade de gêneros propostos pela Base, para cada ano escolar, e em defesa de um trabalho pedagógico com projetos de ensino, Geraldi afirma:

(...) o excesso de carga exigido ano a ano na proposta da BNCC impede que professores elaborem projetos de continuidade e de profundidade num mesmo gênero, por exemplo, as experiências tão conhecidas de produção de livros (novelas de aventura, coletânea de narrativas, coletâneas de descrições de brincadeiras etc.). Esses projetos demandam tempo na escola, mas esse tempo estará ocupado pela passagem pelos inúmeros gêneros ainda que de forma mais ou menos superficial para dar conta do currículo previsto pela base comum (GERALDI, 2015, p. 389).

Ainda sobre esse tema, o mesmo autor acrescenta que a quantidade de categorias exigidas para o trabalho com a Língua Portuguesa, como: campo de atuação, eixos, gêneros, pode significar um excesso de objetos de estudo em detrimento de projetos de ensino variados. Nas suas palavras:

Pelos eixos previstos, pelas práticas previstas, pelos campos de atuação previstos, pelos gêneros listados, todo o mundo da escrita passa a ser obrigatoriamente ensinado e deve ser aprendido na escola (a BNCC tem caráter obrigatório e será usada como matriz do sistema de avaliação: não esqueçamos, esta é que define a necessidade daquela) (GERALDI, 2015, p. 387-388).

Com a quantidade de gêneros listados, a Base parece ter a pretensão de que todas as práticas de linguagem e gêneros são possíveis de serem ensinados na escola — algo bastante improvável até pela natureza dos gêneros: relativamente estáveis, dinâmicos, processuais e heterogêneos, que vão adaptando-se e se transformando conforme o desenvolvimento dos campos de atividades na sociedade.

A PROPOSTA DE TRABALHO COM A ESCRITA

Relativamente à proposta de trabalho com a escrita, apresentamos um quadro que exemplifica as orientações da BNCC.

Quadro 1: Gêneros e a proposta de produção textual escrita

Práticas de linguagem – Produção de textos	
Campos de atividade	Habilidades
Campo jornalístico-midiático	(EF69LP06) Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, podcasts noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como vlogs e podcasts culturais, gameplay, detonado etc. – e cartazes, anúncios, propagandas, spots, jingles de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentarista, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de booktuber, de vlogger (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático (...) (BRASIL, 2018, p. 143).
Campo de atuação na vida pública	(EF69LP22) Produzir, revisar e editar textos reivindicatórios ou propositivos sobre problemas que afetam a vida escolar ou da comunidade, justificando pontos de vista, reivindicações e detalhando propostas (justificativa, objetivos, ações previstas etc.), levando em conta seu contexto de produção e as características dos gêneros em questão (BRASIL, 2018, p. 147).
Campo das práticas de estudo e pesquisa	(EF69LP36) Produzir, revisar e editar textos voltados para a divulgação do conhecimento e de dados e resultados de pesquisas, tais como artigos de divulgação científica, verbete de enciclopédia, infográfico, infográfico animado, podcast ou vlog científico, relato de experimento, relatório, relatório multimidiático de campo, dentre outros, considerando o contexto de produção e as regularidades dos gêneros em termos de suas construções composicionais e estilos (BRASIL, 2018, p. 153).
Campo artístico-literário	(EF69LP50) Elaborar texto teatral, a partir da adaptação de romances, contos, mitos, narrativas de enigma e de aventura, novelas, biografias romanceadas, crônicas, dentre outros, indicando as rubricas para caracterização do cenário, do espaço, do tempo; explicitando a caracterização física e psicológica dos personagens e dos seus modos de ação; reconfigurando a inserção do discurso direto e dos tipos de narrador; explicitando as marcas de variação linguística (dialetos, registros e jargões) e retextualizando o tratamento da temática (BRASIL, 2018, p. 159).

Fonte: Quadro adaptado da BNCC (2018).

Observamos, no quadro 1, a natureza complexa dos gêneros apresentados. Essa complexidade dá-se pela estrutura dos textos, seus suportes e pelas linguagens que neles exorbitam (imagens, sons). Indicar o trabalho com *podcasts*, *vlogs*, os quais necessitam das mídias para serem levados para a sala de aula é não ter a compreensão do estado de precarização pelo qual passa a escola brasileira, além de ignorar que boa parte dos profissionais do ensino não sabe lidar, por várias razões que aqui não cabe discuti-las, com muitas ferramentas tecnológicas.

Sobre a proposta de trabalho com os gêneros na modalidade escrita, a Base orienta que os estudantes desenvolvam a “autonomia para planejar, produzir e revisar/editar as produções realizadas” (BRASIL, 2018, p. 78). Com base nessa orientação, presumimos que toda a produção escrita deverá seguir esse processo de planejamento, produção, revisão/edição. Contudo, quando analisamos o quadro 1, temos, no campo jornalístico-midiático, as habilidades de produzir e publicar; no campo de atuação na vida pública e no de estudo e pesquisa, as de produzir, revisar e editar e no campo artístico-literário, a habilidade de elaborar. Ou seja, em nenhuma das habilidades trazidas encontramos o ato de planejar. Com isso, percebemos uma falta de paralelismo nas orientações, não afinadas com propósitos anunciados de que a produção de textos deve considerar as práticas de planejar, produzir e revisar/editar as produções realizadas. Concluímos que essas flutuações podem gerar incompreensões e direcionamentos bem distintos no tratamento do trabalho com a produção de textos.

No tocante ao processo de produção escrita, Koch e Elias (2015) apostam em uma concepção de ensino com foco na interação produtor/leitor, o que exige do produtor a ativação de conhecimentos e a mobilização de estratégias. Isso significa “que o produtor, de forma não linear, “pensa” [planeja] no que vai escrever e em seu leitor, depois escreve, lê o que escreveu, revê ou reescreve o que julga necessário, em um movimento constante e on-line guiado pelo princípio interacional” (KOCH e ELIAS, 2015, p. 34). As autoras acrescentam que em tal abordagem de trabalho com a produção de textos escritos, os sujeitos envolvidos (interlocutores) “são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que dialogicamente se constroem e são construídos no texto, este considerado um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos sociais e interacionais” (p. 34).

Essa abordagem dialoga com a teoria de Bakhtin, relativamente à concepção de língua(gem) compreendida como enunciação, algo que exige a interação de sujeitos situados em um contexto social. Para toda fala ou

escrita “há sempre um interlocutor, ao menos potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV 1992 [2012], p 16). Nesse sentido, não podemos pensar em práticas de produção de textos sem ter em vista um interlocutor com quem dialogar e nas condições de produção do dizer. Tais condições implicam interlocutores (interactantes), quem escreve e a quem, seus papéis sociais, a intencionalidade discursiva, época, local e suportes de circulação.

Diante do exposto, compreendemos que o texto da BNCC tenta deixar claras as formas de abordagem para o trabalho com a escrita, aliadas a uma concepção de linguagem como enunciação. Contudo, avaliamos uma certa dispersão nas orientações, o que pode gerar confusões de ordem teórico-metodológica e comprometer a qualidade do trabalho na sala de aula. Muitos professores precisam de formação para compreender conceitos e também para lidar com as tecnologias midiáticas. Do contrário, vamos permanecer na ilusão de que um documento oficial possa garantir melhores aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos, nesse texto, realizar um diálogo com alguns enunciados da BNCC, com o objetivo de refletir sobre como o documento direciona o trabalho com a produção de gêneros escritos no ensino fundamental, anos finais, da escola básica. Percebemos que a concepção de língua(gem) anunciada, como enunciativo-discursiva, condiz com as orientações inscritas em várias partes do documento, no tocante ao trabalho com os gêneros, os quais são apresentados como compreendendo/encobrendo os textos, e que o seu ensino e aprendizagem implicam a inter-relação com os contextos de produção.

No tocante à proposta de trabalho com a escrita, notamos que há uma dispersão nas orientações referentes à produção de textos, tendo em vista as estratégias consideradas essências para essa atividade, as quais contemplam planejamento, escrita, revisão, reescrita. Desse modo, o texto falha, em nosso entendimento, em uma consistência necessária para levar a cabo seu propósito de formar leitores e escritores competentes, possibilitando compreensões de seus interlocutores (professores) de que essas estratégias nem sempre precisam ser desenvolvidas para a aprendizagem da escrita.

O texto da BNCC de LP tem sido objeto de discussão em vários espaços institucionais: escolas, eventos de variada natureza, salas de aula, etc.

Tem gerado críticas sobre o modo como foi elaborado – as suas condições de produção, considerando ser um documento oficial de caráter prescritivo. O que trazemos nesse texto é um pequeno recorte das tantas questões que podem ser problematizadas em torno do documento. Apesar das tantas discussões já realizadas, acreditamos que o trabalho de análise continua, principalmente para seguir dialogando com os professores da escola básica, grandes interessados e responsáveis pelas mediações das aprendizagens colocadas pelo documento como essenciais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, [1992], 2011.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 13ª ed. São Paulo: Hucitec Editora [1929 [2012]].

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Língua portuguesa de 5ª a 8ª série do 1º grau. Brasília: MEC/SEE, 1998.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília/MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documento/Apresentação.pdf>> Acesso em: 10 julho. 2019.

BROCARD, R; ORTEGA, L; LIMA, A. A concepção de gênero discursivo subjacente na BNCC: aproximações e distanciamentos da perspectiva dialógica. In: COSTA-HÜBES, T.; KRAEMER, A. **Uma leitura crítica da Base Nacional Comum Curricular**: compreensões subjacentes. SP: Mercado de Letras, 2019. p. 95-124.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero**: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

BRAIT, B. Perspectiva dialógica, atividades discursivas, atividades humanas. In: SOUZA-E- SILVA, M. C. e FAÏTA, D. (orgs.). **Linguagem e trabalho**: construção de objetos de análise no Brasil e na França. São Paulo: Cortez, 2002. p. 31-44.



GERALDI, J.W. *O ensino da língua portuguesa e a Base Nacional Comum Curricular*. **Revista Retratos da Escola, Brasília**, v. 9, n. 17, 2015, p. 381-396. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em: 10 de junho de 2019.

KOCH, I; ELIAS, V.M. *Ler escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo, Contexto, 2015.